

CENA 1

(JARDIM DE MELIBEA)

CALISTO : Eu vejo nisto, Melibea, a grandeza de Deus.

MELIBEA : Em que, Calisto ?

CALISTO : Em fazer com que a natureza te dotasse de tão perfeita formosura e em me conceder a graça de ver-te e te manifestar minha secreta dor. Por essa felicidade, fiz sacrificios, devoções e obras pias. Pode haver na vida corpo de homem mais glorificado do que o meu ? Por certo, os gloriosos santos que se deleitam com a visão de Deus, não já mais do que eu com a tua. Mas, triste de mim, enquanto que os santos puramente se glorificam, sem temor de cair dessa bem-aventurança, eu, ao mesmo tempo, me alegre e so fro, com medo de te perder.

MELIBEA : Tão grande felicidade assim consideras a minha presença?

CALISTO : Tanta, que se Deus me desse agora assento entre seus anjos eu não seria tão feliz.

MELIBEA : Pois maior recompensa te darei se perseverares.

CALISTO : Bem-aventurados ouvidos meus que ~~rixmam~~ indignamente ouviram tão grande palavra.

MELIBEA : Mas desaventurados êles serão quando acabares de me escutar, porque a minha resposta será tão feroz quanto o merece teu louco atrevimento. Vai-te embora daqui, torpe, que a minha paciência não pode tolerar que alguém tenha a coragem de me propor um lícito amor.

CENA II

ATÔRES : Segue-se a tragicomédia de Calisto e Melibea, composta em repreensão dos loucos enamorados, que sofrem as consequências de seus desordenados apetites. Feita, outrossim, para advertência das falsas caftinas e dos criados puxa-sacos.

Calisto foi lindo rapaz, de nobre linhagem, de claro engenho, de gentil disposição, dotado de muitas graças e prospera fortuna. Foi prêso de amor por Melibea, mulher moça, mui gentilosa, de alto e sereníssimo sangue, sublimada em próspero estado.

Por insistência do pungido Calisto e intervenção de Celestina, má e astuta alcoviteira, é vencida a castidade da donzela, acarretando a todos triste e amargo fim.

IMPRÓPRIO  
ATÉ 13 ANOS



## CENA III (Casa de Calisto)

- CALISTO : Semprônio :
- SEMPRÔNIO : Senhor ?
- CALISTO : Me alcança o alaúde
- SEMPRÔNIO : Aqui está
- CALISTO : (canta) Que dor poderá ser tal / que se compare a meu mal?
- SEMPRÔNIO : O alaúde está desafinado
- CALISTO : Como pode ~~xxx~~afinar o desafinado? como pode sentir a harmonia quem está tão dissonante consigo mesmo? Quem tem dentro do peito agulhas, paz, guerra, trégua, amor, ódio, injúrias, pecado, suspeitas, tudo ao mesmo tempo? Mas tange e canta a canção mais triste que souberes.
- SEMPRÔNIO : (canta) Tanto gentile e tanto onesta pare  
 la donna mia, quand'ella altrui saluta  
 ch'ogni lingua deven tremando muta  
 e li occhi no l'ardiscon di guardare  
 Ella si va, sentendosi laudare  
 benignamente d'umiltà vestuta;  
 e par che sia una cosa venuta  
 da cielo interra a miracol mostrare  
 Mostrarsi sí piacente a chi lamira  
 che dà per li occhi una dolcezza al corre  
 che 'ntender no la può chi no la prova  
 e par che de la sua labbia si mova  
 un spirito soave pien d'amore  
 che va dicendo a l'anima: - Sospira !
- CALISTO : Ah, Melibeu eu sou, a Melibea adoro, em Melibea creio e a Melibea amo.
- SEMPRÔNIO : Que grande é Melibea que não cabe no coração de meu senhor e lhe transborda pela bôca aos borbotões! Não te preocupes, bem sei onde te aperta o sapato. Podes deixar que eu dou um jeito.
- CALISTO : É impossível ! Que jeito pode haver
- SEMPRÔNIO : Então é êsse o fogo de Calisto? São essas as suas ânsias? Como se sòmente ~~ê~~ contra êle o amor disparasse suas flechas! Todos passam por isso, senhor, até os santos e profetas.
- CALISTO : Por que me reprovas assim ?

IMPRÓPRIO  
 ATÉ 18 ANOS



- SEMPRÔNIO : Por submeter a dignidade do homem à imperfeição da fraca mulher.
- CALISTO : Mulher! Ah, grosseiro, Deus! Deus!
- SEMPRÔNIO : O quê? Que estás dizendo?
- CALISTO : Creio que Melibea é Deus, por Deus a profano, digo, professo e não acredito que haja outro soberano nos céus, apesar dela habitar entre nós.
- SEMPRÔNIO : Ah, Calisto! Quer dizer então que tu queres prevaricar com Deus?
- CALISTO : Mas tu, que tens mais coração que alexandre, desesperas de alcançar uma mulher? Sabes que muitas mulheres famosas já se submeteram a açougueiros e outras até abrutos animais? Nunca ouviste falar na estória de Lêda com o cisne ou de Pasifae com o touro?
- CALISTO : Não Creio nisto: é conversa.
- SEMPRÔNIO : Mas pega os historiadores, estuda os filósofos, olha os poetas! Seus livros estão cheios de maus exemplos das mulheres e das quedas daquêles que, como tu, as puzeram tão alto. Ouve a Salomão, que diz as mulheres eo vinho fazem o homem renegar. Aconsêlha-te consêneca, escuta Aristóteles! Gentios, judeus, cristãos e mouros estão de acôrdo sôbre isso. É verdade que há e houve muitas santas e virtuosas, mas as outras, não teria fim falar nas suas mentiras, suas intrigas, suas leviandades, suas lágrimas de crocodilo, suas dissimulações, sua língua, suas traições, seus esquecimentos, seu desamor, sua ingratidão, sua inconstância, sua presunção, sua soberba, sua tagarelice, sua gula, sua luxúria, sua sujeira, seu atrevimento, suas feitiçarias, suas seduções, seus escárnios, sua cafetinice. Considera que o juizo miúdo está por baixo daqueles cabelos longos e penteados complicados. Delas se disse: Arma do diabo, cabeça do pecado, destruição do paraíso. E o próprio São João exclama: "Esta é a mulher, antiga malícia, que arrancou Adão dos deleites do paraíso". Foge dos seus enganos, Calisto. Mulheres! Que praga! Que nojo! Que tédio é dásfrutálas mais do que aqueêlo breve tempo em que estão aparelhadas ao prazer. Tu és homem, e de claro engenho. E mais: A natureza te dotou dos melhores dons que possui, tais que: Formosura, graça, grandeza de membros, força e destreza.

IMPRÓPRIO  
ATÉ 18 ANOS



CALISTO : Mas tudo isso com que me glorificas, Semprônio, não tem proporção nem comparação com Melibea. Começo pelos cabelos. Sabe as madeichas de ouro delgado que fiam na Arabia! Pois mais lindos são e não resplandecem menos. Os olhos verdes, rasgados, as pestanas ~~afinadas~~ longas, os finos e alçados cílios, o nariz mediano, a bôca pequena, os lábios carnosos, o torneado do rosto, o busto alto, a redondeza e forma dos <sup>Seios</sup> ~~seios~~ <sup>seios</sup> ~~seios~~, quem poderia descrevê-la? As pequeninas mãos, de doce carne compostas, os dedos longos, as unhas que parecem rubís entre pérolas, tôda essa divina proporção, creio ser incomparavelmente melhor do que aquelas que Páris julgou entre as três deusas.

SIMPRÔNIO: Está bem. Tua vêz com olhos apaixonado, a quem o feio bonito lhe parece. Mas para que não fiques desesperado, eu quero me encarregar de cumprir o teu desejo.

CALISTO : Ah, Deus te dê tudo o que desejas! Que glorioso me é ouvir-te ainda que não acredite que alguém possa me ajudar.

SIMPRÔNIO: Eu explico. Há muito tempo que ~~mãe~~ conheço nessa vizinhança uma velha barbuda, de nome Celestina, que se diz feiticeira, astuta, sagaz em quantas maldades de imagine. Parece que passa de 5000 o número de virgens que se fizeram e desfizeram nessa cidade graças a ela. É capaz de provocar luxúria até nas pedras, se quizer.

CALISTO : Como é que eu poderia falar com ela ?

SIMPRÔNIO: Eu vou trazê-la aqui. Mas trate de ser generoso e franco.

CALISTO : Vais demorar !

SIMPRÔNIO: Já vou, Deus fique contigo.

CALISTO : E contigo vá. OH, Todo Poderoso, sempre eterno Deus ! Tu que guías os perdidos, e aos reis orientais, pela estrêla procedente à Belém trouxeste e a suas pátrias reconduzistes, unildemente te rogo que guies meu Simprônio, de maneira que converta minha pena e tristeza em gôzo e eu, indigno mereça alcançar meu desejado fim.

#### CENA IV (casa de Calisto)

(batem a porta)

CALISTO : Parmeno !

PARMENO : Senhor ?

CALISTO : Não ouves, surdo maldito ?!

PARMENO : O que é senhor ?

IMPRÓPRIO  
ATÉ 18 ANOS



CALISTO : Estão batendo à porta, corre !

PARMENO : Quem é ?

SEMPRÔNIO : Abre, para mim e para esta senhora.

PARMENO : Senhor: Semprônio e uma <sup>China</sup> ~~puta~~ velha alcoolizada estavam dando aquelas <sup>batidas</sup> ~~passadas~~.

CALISTO : Cala essa bôca, infame! que essa que chamas de <sup>China</sup> ~~puta~~ velha é a minha salvação! corre a abrir !

PARMENO : Pensas que é um insulto aos ouvidos dessa aí, o nome com que a chamei ? Pois muito se glorifica ela em ouvi-lo. Se vai entre mulheres e alguém grita "<sup>China</sup> ~~puta~~ velha", ela volta a cabeça sem nenhum constrangimento e responde com um sorriso. Nas festas, nas bodas, nos velórios, em todos os ajuntamentos, todo o mundo se diverte com ela, chamando-a de "<sup>China</sup> ~~puta~~ velha". Se ela passa por cachorros, assim a chamam seus latidos; se está perto de pássaros, é só o que eles cantam; os mugidos do gado, os relinchos dos cavalos, o coaxar das rãs repete: "<sup>China</sup> ~~puta~~ velha". Se ela passa entre os ferreiros, é o que cantam seus martelos. Carpinteiros e armeiros, ferradores e caldeireiros, todo ofício de instrumento forma no ar o seu nome, lavradores nos campos, nos arados, nas vinhas, nas segadas, com ela passam seu afã quotidiano. Que mais queres, se te digo que quando uma pedra bate na outra, se ouve soar "<sup>China</sup> ~~puta~~ velha"?

CALISTO : Mas como é que a conheces ?

PARMENO : Todos a conhecem. Ela tem, pelo menos, seis ofícios, convém saber: bordadeira, perfumista, mestra em confeccionar adornos, em refazer as virgens, caftina e um pouquinho feiticeira. Seu primeiro ofício serve para disfarçar os outros. e graça a êle, muita môça entra em sua casa para bordar blusinhas e outras coisinhas. Ela é íntima amiga de estudantes, cozinheiros e sacristãos; a estes vende o sangue inocente daquelas coitadinhas. Muitas embuçadas ví entrar em sua casa, seguidas de homens disfarçados. Ela está sempre tramando maquinações. Faz-se de médica de crianças, toma fio emprestado de uma casa para vendê-lo em outra e assim poder estar em tôdas. Ela é conhecidíssima na cidade inteira: é mãezinha aqui, titia ali, vovó acolá. E com todos êsses afãs, nunca passa sem missa nem vésperas nem sai dos monastérios de padres e freiras. Isso porque até lá ela faz as suas aleluias e seus concertos. Em casa ela fabrica perfumes, falsifica bálsamos, benjoim, âmbar e almíscar.



Tem um quarto cheio de redomas, alambiques e retortas de mil formas, onde fabrica ácidos corrosivos, pomadas, cosméticos, poções ungentos cremes e loções. Estica as peles com sumo de limão, tutano de corsa e de garça. Faz água-de-cheiro com rosas, flor-de-laranjeira, jasmim, trevo, madresilva e cravina. Faz pasta para alisar com salitre e má lifolha. E as graxas, as manteigas que fabrica, até me cansa dizê-las tôdas: de vaca, de urso, de cavalo, de camelo, de cobra, de coelho, de baleia, de garça, de gamo, de gato montês, de texugo e de lontra. Ah, e quanto ~~aos confetes~~ <sup>as virgindades</sup>, umas faz de bexiga, e outros costura ponto por ponto. Tem para tanto, uma caixinha pintada, com agulhas delgadas, fios de cêda encerados. Com isso ela pratica maravilhas, que quando veio aquí o embaixador francês, três vêzes vendeu como virgem uma de suas criadas. E as feitiçarias que executa por encomendo! Usa coração de veado, língua de ~~esprex~~ víbora, cabeças de codornizes, miolos de asno, crina de cavalo, fraldas de bebê, corda de enforcado, espinho de ouriço, ossos de feto, e mil outras coisas. Vem até ela muitos homens e mulheres, e a uns lhes pede que tragam o pão mordido pela pessoa amada; a outros, um pedaço da roupa; a outros, uma mecha de cabelos. Em uns pinta na palma da mão, letras com açafraão; a outros dá coraçõezinhos de cêra, cheios de alfinetes espetados. Pinta figuras, pronuncia palavras deitada por terra. Quem poderá te dizer tudo o que esta velha faz? E é tudo burla e mentira.

CALISTO : Está bem Pármemo. Corre e abre a porta à minha salvação. Eu a vejo: estou salvo, estou vivo! Olha que reverenda figura! Pela fisionomia se percebe a virtude interior. Oh, velhice virtuosa! Oh! virtude envelhecida! Oh! gloriosa esperança de meu desejadofim ! Oh fim de minha deleitosa esperança! Oh saúde de minha paixão, reparo de meu tormento, regeneração minha, vivificação de minha vida, ressurreição de minha morte! Desejo chegar até, cobiço beijar essas mãos cheias de remédio. A indignidade da minha pessoa é o que me embarga. De joelhos adoro a terra em que pisas e em reverência tua, a beijo.

PÁRMEMO : Oh Calisto desventurado, abatido, cego. Por terra está adorando a mais <sup>velha</sup> terra que jamais esfregou as suas costas em todos os bordéis.

CELESTINA: Bem te ouvi, Calisto, e não penses que o ouvir, junto com outros exteriores sentidos, minha velhice haja perdido.



Que não só o que vejo, ouço e conheço, mas também o intrínseco, com intelectuais olhos, penetro. Não te julgues por amares, fraco, pois o amor a tôdas as coisas vence. E sabe, se não sabes, que duas conclusões são verdadeiras. A primeira que é forçoso ao homem amar a mulher, e à mulher, ao homem. A segunda, que aquêle que verdadeiramente ama, é necessário que se perturbe com a doçura do soberano deleite, que do criador de tôdas as coisas foi posto para que a descêndência dos homens se perturbe, sem o qual, , pereceria. E não só na humana espécie, mas nos peixes, nas bestas das aves, nos répteis e até no vegetativo, está determinado que haverá machos e fêmeas.

CALISTO : Dúvida eu tinha, mãe, de que existisse uma mulher como tũ; porém é mais maravilhoso que eu esteja vivo diante de ti. Recebe, pois, a nobre dádiva de quem, com ela, a vida te oferece.

CELESTINA : Como o oura muito fino, lavrado pela mão sutil do artífice, a obra sobrepuja a matéria, assim valoriza o teu magnífico gesto de dar, a graça e a forma de tua generosidade.

CALISTO : Vai agora, mãe, e consola a tua casa, e depois vem e consola a minha, e logo.

CELESTINA : Fique Deus contigo.

CaLISTO : E para mim te guarde.

#### CENA V

(Auditório de televisão)

ATOR ANUNCIADOR : Meus amigos, a essas alturas dos acontecimentos, cabe fazer uma pequena pausa. De tudo isso que foi mostrado aqui, vocês puderam ver que o mocinho da estória está vidrado na mocinha, a qual, por sua vez, môça de muito respeito, não quer saber de achêgos com êle. Êle resolve então contratar uma velha alcoviteira, chamada Celestina, prá bancar o cupido entre os dois. Até aí fomos. Mas antes de continuar a estória, vocês provavelmente vão gostar de saber mais alguns detalhes sôbre os seus personagens. Porém, em vez de simplesmente falar a respeito dêles, nós resolvemos entrevistá-los pessoalmente. Para dirigir



a entrevista, vamos chamar então a queridíssima Vaniá Brown, que aqui está diante das nossas câmeras para mais um programa da série Vaniá Brown's Show!

VANIA : Boa noite, Pôrto Alegre, boa noite Rio, boa noite São Paulo, boa noite Salvador, Recife, Bela Horizonte e Brasília, boa noite Brasil.

ATÓRES : Boa noite!

Vania : Nesse nosso encontro informal de tôdas as semanas, eu gostaria, hoje a noite, de trazer para conversar com vocês os personagens da peça A Celestina . Mas antes de chamar o nosso primeiro convidado, vamos fazer uma pausa para o nosso comercial:

JINGLE : Se você é de ação  
Se você não para  
Só use cuecas (3 vêzes)  
Cuecas Guevara.

GARÔTA PROPAGANDA : Seja um homem do século XX ! Viva seu tempo! Sinta a trepidante pulsação do mundo! Use cuecas Guevara.

JINGLE : (Repete)

VANIA : Vamos receber agora no nosso palco auditório, o personagem Pármeno, criado de Calisto. Uma salva de palmas para êle (aplausos). Boa noite, Pármeno. Você está bom?

PÁRMENO : Boa noite, tudo bom.

VANIA : Pármeno, você que, como criado de quarto, participa da intimidade de Calisto, poderia nos contar como foi que êle e Melibéa se conheceram?

PÁRMENO : Pois não: por ver-se um dia o falcão, foi causa de sua entrada no jardim de Melibéa para procurá-lo; a entrada, causa de vê-la e falar-lhe; a fala engendrou o amor, o amor pariu o sofrimento e o sofrimento causará a perda de seu corpo, sua alma e seus bens.

VANIA : Credo! Você até dá arrepios na gente com êsse seu tom profético. Mas eu vou chamar então o seu colega Semprônio para ver se êle é tão pessimista quanto você. Semprônio, tenha a bondade. Semprônio, o público dessa noite gostaria muito de saber o que é que você acha do amor de Calisto por Melibea. Você acha assim que é amor-paixão, amor-amor de verdade, ou não passa de fogo de palha?

SEMPRÔNIO : O amor, assim como o bem e o mal, a felicidade e a desgraça, perde com o tempo a fôrça de seu acelerado princípio. Cada dia vemos e ouvimos novidades: elas passam e nós as deixamos para trás. O tempo as diminui.



Ficarias maravilhada se te dissessem agora que a terra tre-  
meu ou o cego vê, teu pai morreu, um raio caiu, tem eclí-  
pse amanhã, rouberam a Pedro, Ignês se afogou. Mas três  
dias depois já não te espantarias mais. Tudo é assim, tudo  
passa, tudo se esquece, tudo fica para trás. Pois assim  
será esse amor de meu amo: quanto mais fôr andando, mais  
irá diminuindo.

VANIÁ : Ai, decididamente vocês estão muito tétricos hoje. Vamos  
falar de coisas mais alegres. Quem sabe se eu chamasse u-  
ma amiguinha de infância de Melibea para nos falar um pou-  
co sobre ela. O público deve estar ansioso para saber al-  
go a respeito da beldade que conquistou o coração de Calis-  
to. Vamos receber então a Elícia. Elícia, meu bem, nós sa-  
bemos que você foi companheira de folguedos de Melibea e  
até hoje é a sua melhor amiga. Diga-nos então: Melibea é  
tão bonita quanto dizem, ou tudo isso é conversa fiada?

ELÍCIA : Pois não a viste como eu, filha. Está aí Deus Nosso Se-  
nhor que não me deixa mentir. Se topasses com ela de ma-  
nhã cedo, quando se levanta, não comerias o resto do dia  
de tanto nojo. Ela tem uma <sup>pele</sup> ~~pele~~, apesar de ser donzela,  
que dão a impressão dela ter parido pelo menos três vezes,  
e a barriga tão frouxa como a de uma velha de sessenta a-  
nos. Não sei o que Calisto viu nela para deixar de lado  
outras que poderia ter mais facilmente.

VANIÁ : Depois desse depoimento tão sincero e franco da melhor a-  
miga de Melibea, vamos perguntar pessoalmente a Calisto  
o que êle viu em sua amada. Atenção, brotos! Aqui está  
êle! (aplausos e gritos) Tudo bom, Calisto?

CALISTO : Tudo legal, Vaniá.

VANIÁ : Dê um ôi aos brotos do auditório e de todo o Brasil com  
êsse seu sorriso que esfacela corações.

CALISTO : Gatas do Patropi, ôi para vocês! (Aplausos, gritos)

VANIÁ : Calisto, as mulheres de todo o Brasil acompanham com o  
maior interêsse pelo nosso canal de televisão as peripé-  
cias de sua paixão por Melibea. Em nossos estúdios têm  
chegado diariamente milhares de cartas perguntando coisas  
sobre vocês. Em nome de tôdas essas pessoas, eu pergunto:  
Calisto, de que natureza é êsse fôgo que consome seu cora-  
ção?

CALISTO : Esta minha pena<sup>o</sup> ardente sofrimento não se regem pela ra-  
zão, não quer avisos, despreza os conselhos, mas se al-  
guém os der, seja tal que não tente arrancar êsse amor que,  
sem as entranhas, não poderá despregar-se do meu ser.



- VANIÁ: Ele é ou não é demais? Mas meus amigos, passemos agora a entrevistar diretamente o objeto dos desejos de Calisto: Melíbea. Melíbea, diga-nos, por favor, como é que você vê as pretensões do cavaleiro Calisto?
- MELÍBEA: Jesus! que eu não ouça mais mencionar êste louco, saltador de muros, fantasma da noite, longo como cegonha, figura de quadro mal pintado, senão cairei morta aqui mesmo!
- VANIÁ: Ela não é uma gracinha? Mas queridos amigos, neste bate papo informal de hoje à noite, eu quero trazer mais uma pessoa: aquela que tem nas mãos o destino dos dois jovens... apaixonados; é ela...(aplausos) é ela...(aplausos) é ela... a Celestina! (Aplausos, gritos) Celestina, é uma honra e um prazer ter você conosco aqui em nosso palco auditório.
- Celestina: O prazer é todo meu, Vaniá.
- VANIÁ: Mas você está muito elegante. Deixa ver. Chiquérrimo êste seu tailleur. De onde é, hein?
- CELESTINA: É do Clodovil
- VANIÁ: Ah, você se veste pelo Clô, é?
- CELESTINA: Sim, querida, desde que briguei com o Denner.
- VANIÁ: Ora vejam só! Mas Celestina, você não se sente assim feliz e realizada, depois de todo o trabalho que você teve na mocidade para ganhar a vida.
- CELESTINA: Trabalho, meu amor? Antes descanso e alívio. Quando eu tinha o meu bordelzinho, com doze meninas, tôdas maiores de catorze anos e menores de dezoito, tôdas elas me obedeciam, tôdas me honravam, de tôdas eu era acatada. Só escolhiam o freguês que eu lhes indicasse: fôsse coxo, torto ou manco. Meu era o proveito, seu o afã. E a freguesia era imensa: cavaleiros, velhos ou moços, padres de tôdas as dignidades, desde bispo até sacristão. Quando eu entrava na igreja, era uma derrocada de chapéus em minha homenagem e até me beijavam o manto como se eu fôsse uma duquesa,
- VANIÁ: Puxa vida, que beleza Celestina! E agora, você acha que vai ser duro vencer a resistência de Melíbea? Olha, eu acabei de entrevistá-la. A menina é fogo, hein?
- CELESTINA: Ela não vai ser a primeira a quem eu faço parar de cacarejar. Fricotes, tôdas têm, mas quando levantam o ~~assé~~<sup>trazido</sup> da cadeira, não querem mais descansar. E eu sei que, se hoje eu lhe imploro, amanhã é ela que há de me implorar à mim.
- VANIÁ: E que estratagema você pretende usar, Celestina? Se não



fôr degrêdo profissional você poderia contar aos nossos amigos?

CELESTINA: Não é segrêdo, absolutamente, Vaniá. Eu vou fazer um trabalhinho.

VANIÁ: Um trabalhinha?

CELESTINA: É que eu aprendí com as bruxas do Macbeth. Você sabe: sangue de morcêgo, asa de dragão, olhos de lôba, barbas de bode e outros ingredientes. Eu vou embeber em tudo is so um novêlo de fio que aquí está e vendê-lo a Melibea.

VANIÁ: Que excitante! E você poderia nos fazer uma demonstração, Celestina?

CELESTINA: Com todo o prazer.

Eu te conjuro triste Plutão, senhor da infernal profundidade, imperador da côrte danada, soberbo capitão dos condenados anjos, senhor dos fogos sulfúreos que emanam dos ferventes étnicos montes, governador e provedor dos tormentos para as almas pecadoras, regedor das três fúrias Persífone, Megera e Aletto, administrador de tôdas as coisas negras do inferno e do caos, treinador das volantes hárprias e pavorosas hidras, eu, Celestina, tua mais conhecida cliente, eu te conjuro a vir sem tardança obedecer à minha vontade. Que neste fio te envolvas e nele habites sem te apartar um só momento, até que Melibea o compre e nele fique de tal forma enredada que, quanto mais o contemple, tanto mais seu coração se abrande a conceder a minha petição. Que se lhe abra o coração ao rude e forte amor de Calisto, de tal forma que, despedida de tôda a honestidade, possa acolher meus passos e mensagem. Feito isso, pede de mim o que quiseres, digo, conforme a tua vontade. Mas se não cumprires com presto movimento a aos meus desejos, ter-me-ás por capital inimiga: ferirei com luz teus tristes cárceres escuros; acusarei cruelmente tuas contínuas mentiras; oprimirei com minhas ásperas palavras teu horrível nome. E outra e outra vez te conjuro. E assim, confiando em meu muito poder, vou-me com meus fios, onde, creio, já te levo enleiado.



CENA VI

(Casa de Melibea)

ATOR ANUNCIADOR: Primeira visita de Celestina a Melibea.

CELESTINA: Que a paz esteja nesta casa senhora boa, a graça de Deus seja contigo. Minhas paixões e enfermidades impediram-me de visitar tua casa; mas Deus conhece minhas limpas entranhas, meu verdadeiro amor: que a distância das moradias não desfaz o querer dos corações. Mas como me sobreviesse míngua de dinheiro, não soube melhor remédio do que vender um pouco de fio para bordar. Soube por tua criada, que dêle tinhas necessidade. Ei-lo: vê se dêle e de mim te queres servir.

MELIBEA: Vizinha honrada: teu coração e oferecimento me movem à compaixão. Agradeço-te a lembrança, se é bom o fio, ser-te-à bem pago.

CELESTINA: Senhora, Deus te permita gozar da tua nobre juventude e florida mocidade, que é o tempo em que maiores prazeres e maiores deleites se alcançarão. Que, por minha fé, a velhice não é senão um albergue de enfermidades, contínuo sofrer, chaga incurável, mancha do passado, pena do presente, choça sem rama, cajado de vime que com pouco pêso se dobra.

MELIBEA: Por que dizes, mãe, tanto mal do que todo mundo deseja ver e alcançar?

CELESTINA: Farto mal para si desejam e farto trabalho. Desejam lá chegar, porque chegando vivem e o viver é doce e vivendo envelhecem. Assim o menino quer ser moço, e o moço velho, e o velho ainda mais velho, embora com dor. Só para viver.

MELIBEA: Mãe, pois que assim é, grande pena, terás pela idade que tens. Desejarias, por acaso, voltar à primeira?

CELESTINA: Louco é, senhora, o caminhante que, cansado do trabalho do dia, quisesse voltar ao comêço da jornada para tornar outra vez àquele lugar. Assim, ainda que a mocidade seja alegre, o verdadeiro velho não a deseja. Aquêle que carece de razão e senso, quase outra coisa não ama, senão o que perdeu.

MELIBEA: Espantada me tens com o que falaste. Indício me dão tuas razões que te haja visto em outro tempo. Diz-me, mãe, és tu a Celestina que moravas junto ao rio?

CELESTINA: Enquanto Deus quiser.

MELIBEA: Velha te tornaste. Bem dizem que os dias não se vão de balde. Não te reconheceria, não fôsse esta cicatriz na cara. Mas tenho a impressão de que já fôste formosa, Outra pareces: estás muito mudada.



- CELESTINA: Senhora, detem o tempo para que não ande, deterei eu a minha forma para que não mude. Acaso já não leste, que dizem: virá o dia em que no espelho não te reconheças? Mas eu envelhecí cêdo, e pareço ter o dôbro da idade. Que assim eu desfrute desta alma pecadora e tu dêsse corpo gracioso, que de quatro filhas que pariu minha mãe, eu fui a menor. Olha que não sou velha como me julgam.
- MELIBEA: Celestina amiga, muito folguei em te ver e conhecer. Também me deste prazer com teus arrazoados. Toma teu dinheiro e vai com Deus, que me parece que ainda não comenste hoje.
- CELESTINA: Angélica imagem, pérola preciosa, como o dizes? Que prazer ver-te falar. E não sabes que pela divina boca foi dito, contra aquêlê infernal tentador, que nem só de pão viveremos? Pois se tu me dás licença, vou te dizer a necessitada causa de minha vinda, que é diferente do que até agora ouviste.
- MELIBEA: Diz, mãe, tôdas as tuas necessidades que, se puder remediá-las, eu o farei de muito bom grado.
- CELESTINA: Minha senhora: antes de outrem, que as minhas, de minha porta para dentro eu as resolvo, comendo quando posso e bebendo quando tenho. Vim aqui, como dizia, por alheias necessidade, e não minhas.
- MELIBEA: Pede o que quiseres, seja para quem fôr.
- CELESTINA: Donzela graciosa e de alta linhagem: tua suave fala e alegre gesto, junto com o aparêlho de liberalidade que mostras com essa pobre velha, me dão coragem de te dizer. Eu deixo um enfêrmo à morte, que com uma só palavra de tua nobre boca, que eu leve metida em meu seio, há de sarar, pela muita devoção que tem pela tua gentileza.
- MELIBEA: Velha honrada, não te entendo, se mais claro não declaras tua demanda. De um lado me alteras e provocas irritação e por outro me moves à compaixão. Fico feliz se de minha palavra depende a saúde de algum cristão. Porque fazer beneficio é semelhar à Deus. E além disso, dizem que o que pode sanar a quem padece, não o fazendo, o mata. Assim, que não cesses a tua petição por embaraço ou temor.
- CELESTINA: O temor, eu o perdi, senhora, olhando a tua beleza. Que não posso crer que debalde pintasse Deus uns gestos tão perfeitos, tão dotados de graça e tão formosas feições, senão para fazê-los armazém de virtudes, de misericórdia, de compaixão, ministros das suas mercês e dádivas. E pois, já que todos nós somos humanos, nascidos para morrer, é certo, que não se poderá considerar nascido, o que só para si nasceu.



- Porque seria semelhante aos brutos animais, entre os quais, há mesmo alguns piedosos, como o unicórnio, que se humilha a qualquer donzela. O cachorro, com todo o seu ímpeto e brabeza, quando vai morder, se nos lançamos ao solo, não faz nenhum mal. E as aves então? Nada come o galo que não participe e chame as galinhas para comer também. E o pelicano rompe o peito para dar de comer suas entranhas aos filhos. Pois se tal comportamento deu a natureza às aves e animais, por que nós, os homens, havemos de ser tão cruéis? Por que não daremos parte de nossa graça e pessoa ao próximo, mormente quando êste se encontra envolto em secretas enfermidades, e tais, que de onde está o remédio, saíua raiz da enfermidade?
- MELIBEA : Por ~~xxx~~ Deus, sem mais dilatar, me diz quem é êste doente que de mal tão perplexo padece, que sua paixão e remédio saem de uma mesma fonte?
- CELESTINA : Bem terás, senhora, notícias nesta cidade de um cavaleiro mancebo, gentil-homem de claro sangue a quem chamam Calisto.
- MELIBÉA : Ah, velha, não me digas mais, não vás adiante! É êsse o doente por quem teceste tantas considerações em tua demanda, por quem deste tantos passos, desavergonhada, barbuda? Queimada sejas, alcoviteira, falsa, feiticeira, inimiga da honestidade, causadora de secretos erros! Jesus, Jesus, tira esta mulher da minha frente, que não me deixou gota de sangue no corpo!
- CELESTINA : Em má hora aqui vim, se me falha o conjuro. Fôrça, irmão, que tudo se põe a perder!
- MELIBÉA : Ainda falas entre dentes diante de mim para aumentar meu nojo e dobrar teu castigo? Querias condenar minha honestidade para dar a vida a um louco? deixar-me a mim triste para alegrar a êle e levares tu o proveito da minha perdição, o prêmio do meu êrro? Perder e destruir a casa e a honra de meu pai para ganhar a de uma velha maldita como tu? Responde, traidora, como ousaste tanto?
- CELESTINA : Por Deus, senhora se deixares concluir o meu dito, nem êle ficará culpado nem eu condenada. E verás como tudo isso é mais serviço de Deus do que passos desonestos. Se eu soubesse, senhora, que tão ligeiro irías conjeturar nocivas suspeitas, nem com a tua licença ousaria falar de Calisto.



- MELIBÉA: Pois avisa-o, velha, que se afaste do seu propósito, do contrário pode ser que não tenha comprado parada mais cara em sua vida. E tu, vai-te e dá graças a Deus por saíres livre daqui.
- CELESTINA: Mais forte era Tróia e ainda outras mais bravas eu amansei.
- MELIBÉA: O que dizes, inimiga? Fala para que eu te possa ouvir excusar teu êrro e ousadia? Que palavras poderias tu querer para êsse homem, que não fôsse para o meu mal? Responde!
- CELESTINA: Uma oração, senhora, que lhe disseram que sabias de Santa Polônia para dor de dentes. E também o teu cordão que dizem haver tocado tôdas as relíquias que há em Roma e Jerusalém. O cavaleiro de que te falei pena e morre por elas.
- MELIBÉA: Mas se só isso querias, por que não me disseste antes?
- CELESTINA: Senhora: porque meu limpo motivo me fêz crer que não seria alvo da menor suspeita. Por Deus, não me culpes! Que êrro de outrem não venha em meu prejuízo, pois não tenho outra culpa senão ser mensageira do culpado. Que outro não é meu ofício senão servir aos meus semelhantes: disso me visto e arreio. Nunca foi minha vontade irritar a una para agradar a outros, ainda que outra coisa tenham te falado de mim em minha ausência. Uma só sou, neste limpo trato. Em tôda cidade poucos tenho descontentes. Com todos cumpro o tratado, como se tivesse vinte pés e outras tantas mãos.
- MELIBÉA: Não me maravilho: que um só professor de vícios dizem que basta para corromper um grande povo. Tantos e tais alardes me fizeram de tuas falsas manhas, que não sei se creio que pedias oração.
- CELESTINA: Nunca eu a reze, e se a rezar, que não seja ouvida, se outro intento aqui me trouxe.
- MELIBÉA: Minha alteração passada me impede de rir de tua desculpa.
- CELESTINA: És minha senhora. Tenho de calar. Hei de te servir, hás tu de me mandar.
- MELIBÉA: Tanto afirmas tua ignorância, que me fazes crer no que possa ser. E se assim, vieste com bom propósito, do passado haja perdão, que de algum modo se sente aliviado meu coração, sabendo que é obra pia, e santa curar os enfermos.
- CELESTINA: E que enfêrmo, senhora! Se bem o conheces, não o julgarás com tanta ira. Por Deus e por minha alma, que não tem fel; graças, duas mil; em franqueza, Alexandre; em esforço, Heitor; gesto de um rei; gracioso, alegre; jamais nele reina a tristeza. De nobre sangue, como sabes. Grande guerreiro, como sabes: pois ao vélo armado, dir-se-ia um São Jorge. Força e



esfôrço, não teve Hércules tamanho. A presença e as feições disposição e desenvoltura, de outra língua haveria mister para contá-las. Ele todo é semelhante a um anjo de céu. Por minha fé, senhora, juro que não era tão formoso aquêlê gentil Narciso que se enamorou de sua própria figura, quando se mirou nas águas da fonte. Agora, senhora, foi derrubado por um só dente, e não cessa de se queixar.

MELIBÉA : Há quanto tempo ?

CELESTINA : Poderá ser, senhora, vinte e três anos: que aquí está Celestina, que o viu nascer e o tomou nos braços.

MELIBÉA : Não te perguntei isso, nem tenho necessidade de saber a sua idade. Pergunto há quanto tempo sofrêdêste mal.

CELESTINA : Senhora: oito dias. Mas sua fraqueza é como se padecesse há um ano. E o seu único remédio é tomar uma viola e tanger tantas canções e tão lastimosas que, ainda que eu pouco entenda de música, parece fazer falar o instrumento. Pois quando canta, para ouvi-lo param as aves no ar, qual aquêla antiga estória de amante que movia as árvores e as pedras com o seu canto. Sendo êste nascido, não louvariam a Orfeu. Porisso senhora, é que uma pobre velha como eu, sente-se ditosa em dar a vida a quem possui tais graças. Nenhuma mulher o vê, que não dê glórias a Deus que assim o pintou. E se com êle fala, não é mais senhora de sí, obedecendo apenas o que êle ordenar. Como vês senhora, se tanta razão eu tenho, certamente julgarás por bom o meu propósito e meus passos saudáveis e vazios de surpresas.

MELIBÉA : Ah, quanto me pesa a minha falta de paciência! Por que sendo êle ingênuo e tu inocente, padeceste as alterações de minha irada língua. Em paga de teu bom sofrimento, quero cumprir tua demanda e dar-te logo o meu cordão. E para buscar a oração, que agora mesmo vou escrever, venha amanhã, e muito secretamente. E mãe, não dê parte do que se passou a êsse cavaleiro, que não me tenha por cruel, arrebatada ou desonesta.

CELESTINA : Não temas, senhora, que tudo sei calar e encobrir.

MELIBÉA : Mais eu farei por teu doente, se preciso for, para indenizar o que sofreu.

CELESTINA : Mais será preciso mais farás, ainda que ninguém te peças!

MELIBÉA : Que dizes, mãe, de pedir ?

CELESTINA : Digo senhora, que a tí peço licença para me retirar, e de tudo te agradeço, e em tudo te servirei, e por tudo te fico obrigada.

MELIBÉA : Vai com Deus, que nem tua mensagem me trouxe proveito, e nem de tua ida me poderá vir algum dano.



ATOR ANUNCIADOR : Deixando Melibéa<sup>17</sup> bem trabalhada, Celestina dirige-se a casa de Calisto, para prestar-lhe contas do bom andamento do negócio. Calisto vibra de contentamento e entra em êxtase ao receber o cordão da cintura de sua amada. No dia seguinte, Celestina vai novamente a casa de Melibéa, buscar a oração milagrosa para dor de dentes do infeliz mancebo.

SEGUNDA VISITA DE CELESTINA A MELIBÉA

( CASA DE MELIBÉA )

MELIBÉA : Ah, infeliz de mim! Ah, importunada donzela. Muito melhor me fôra ter cedido ontem a petição e demanda de Celestina, quando veio me rogar da parte daquêle senhor, cuja visita me cativou. Assim eu teria sanado a mim e a êle, em vêz de vir sòmente agora descobrir minha chaga. Talvez até, desconfiado de minha boa resposta, êle já haja posto seus olhos no amor de outra. Ah, se chegasse neste momento aquela medianeira de minha saúde! Ah, soberano Deus! A tí, a quem todos os atribulados clamam, a que os apaixonados pedem remédios e os chagados, medicina; a tí a quem os céus, o mar e a terra, com os infernais centros obedecem, a tí humildemente suplico dês o meu ferido coração resignação e paciência para dissimular a minha terrível paixão. Não se desdoure aquela fôlha de castidade que tenho pousada sôbre êsse amoroso desejo. Ah, gênero feminino, encolhido e frágil! Por que também não foi concedido as fêmeas o poder de publicar seu escondido e ardente amor como aos varões! Que assim, nem Calisto viveria queixoso, nem eu penada. Ah, velha sábia e honrada, sejam benvinda! Quis o destino que eu tivesse de teu saber necessidade, para que viesses de me pagar na mesma moeda o benefício que por tí me foi pedido para êsse gentil-homem.

CELESTINA : Qual é, senhora, o teu mal, que assim mostra os sinais de teu tormento nas caloradas flôres de teu rosto?

MELIBÉA : Minha mãe: que comem êste coração serpentes dentro de meu corpo.

CELESTINA : Aí está! Bem como eu queria. Tu me pagarás, dona louca, a sobra de tua ira.

MELIBÉA : Que disse? Já presentiste, ao ver-me, alguma causa de onde o meu mal proceda?

CELESTINA : Senhora, só Deus é sabedor; mas como para a saúde o remédio ~~xxxxx~~ das enfermidades, foram repartidas entre as gentes, as graças de achar a medicina, seja por experiência, seja por arte, seja por natural instinto, alguma partezinha alcançou a esta pobre valha, da qual, neste momento, poderás ser servida.



- MELIBÉA : Que gracioso e agradável me é ouvir-te ! Saudável é ao inferno a alegre cara daquêlê que a visita. Parece-me que vejo meu coração em tuas mãos feito pedaços, os quais, se quizesse, com muito pouco trabalho juntarías com as virtudes de tua língua. Pois por amor de Deus, ouve, mui diligente, o meu mal e me dê algum remédio.
- CELESTINA : Grande parte da saúde é desejá-la e, porisso, creio ser menos perigosa a tua dor. Porém, para dar eu, mediante Deus, coerente e saudavel medicina, cumpre saber de ti três coisas. A primeira é que parte do teu corpo mais atinge e inquieta o sofrimento. Outra, se o sentiste recentemente, pois mais depressa se curam as tenras ~~xxx~~ enfermidades em seus princípios, quando ainda não fizeram curso e perceveração de seu ofício. A terceira, se procede de algum mal pensamento que se assentou naquele lugar. Sabido isto, verás dobrar a minha ciência. Entretanto, é precião que ao médico, como ao confessor se fale tôda a verdade abertamente,.
- MELIBÉA : Amiga Celestina, Mulher bem sábia e mestra grande; meu mal é de coração; <sup>o seio</sup> ~~a teta~~ esquerda é seu aposento e estende-seus raios a tôdas as partes. É recentemente nascido em meu corpo. Jamais pensei que tal dor pudesse afetar o juízo, como esta o faz. Turbulame a cara, tira-me o comer, não posso dormir, nenhum gênero de riso quizera ouvir. A causa ou pensamento que afinal coisa por ti perguntada do meu mal, esta não saberei dizer. Por que nem morte de parente nem perda de bens temporais nem sobresalto de visão nem sonho desvairado nem outra coisa possa sentir que se compare, salvo talvés a alteração que me causaste quando vieste da parte daquêlê cavaleiro Calisto.
- CELESTINA : Como senhora, tão mal homem é aquele? Tão mal nome é o seu que só em ser nomeado, seu som tráz consigo o veneno? Não creias que seja esta a causa de seu sentimento, mas antes outra que eu desconfio. E pois que assim é, se tua licença me dás, eu, senhora, te direi.
- MELIBÉA : Diz, mas que minha honra não danes com tuas palavras.
- CELESTINA.: Vejo-te, senhora, por um lado queixar-se de dor, e por outro, temer o remédio. Teu temor me inspira medo, e o medo; silêncio, trégua entre a tua chaga e a minha medicina.
- MELIBÉA : Quanto mais dilatas a cura, tanto mais me acrescentas e multiplicas a minha pena e paixão.



- CELESTINA : Pois se queres ficar sã, e que eu te descubra a ponta de minha sutil agulha sem temor, faz para as tuas mãos e pés uma liga dura de sossêgo, para os teus olhos uma venda de piedade, para a tua língua, um freio de silêncio, para teus ouvidos, uns algôões de resignação e paciência e verás dobrar esta antiga curandeira destas chagas.
- MELIBÉA : Ah, que eu morro com o teu dilatar! Diz, por Deus, O que quizeres, faz o que souberes! Ainda que toque em minha honra, ainda que dane a minha fama, ainda que lastime meu corpo, ainda que rompa as minhas carnes para sacar meu dolorido coração, não poderá tua palavra ser remédio tão áspero que iguale minha pena e tormento.
- CELESTINA : Sofre, senhora, com paciência. Tua chaga é grande e tem necessidade de áspera cura o duro com o duro se abranda, e dizem os sábios que nunca ~~xxx~~ perigo sem perigo se vence. Tem paciência que poucas vêzes o molesto sem molestia se cura. E um cravo com outro se expale uma dor com outra.
- MELIBÉA : Mais agradável me seria que rasgasses minhas carnes e arrancasses o meu coração, do que me torturares dessa maneira com tuas palavras.
- CELESTINA : Sem te romper os vestidos, lançou-se o amor em teu peito. Não rasgarei eu tua carne para curá-lo.
- MELIBÉA : Como dizes que se chama esta minha dor que assim se asenhorou de meu corpo ?
- CELESTINA : Doce amor.
- MELIBÉA : Isso me esclarece o que pode ser. E só ouvi-lo já me alegra.
- CELESTINA : É um gogo escondido. Uma agradável chaga. Um saboroso veneno, uma doce amargura, uma delectável doença, um alegre tormento, uma doce e feroz ferida, uma branda morte.
- MELIBÉA : Mesquinha de mim! Por que segundo a contradição que êsses nomes encontram entre sí, o que de um lado ~~xxxxxx~~ resulta proveitoso, do outro, acarretará mais dor.
- CELESTINA : Senhora, que a tua nobre juventude não desconfie da salvação. Que quando o alto Deus dá a chaga, atrás dela envia o remédio. Especialmente porque eu sei nascida do mundo uma flôr capaz de te livrar de tudo isso.
- MELIBÉA : Como se chama?
- CELESTINA : Não te ouse dizer.
- MELIBÉA : Diz sem temor.
- CELESTINA : Calisto !
- MELIBÉA : Quebrou-se a minha honestidade, quebrou-se minha obstinação afrouxou-se minha vergonha e levaram consigo minha côr, minha fôrça, minha língua e grande parte de meus sentidos.



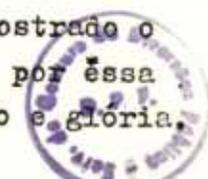
Pois seja, minha boa mestra, minha fiel secretária, o que tu tão apertadamente conheces, em vão eu trabalho para te encobrir. Muitos e muitos dias são passados desde que este nobre cavaleiro me falou de amor. Tão irritante me foi então a sua fala, quanto alegre, depois que tu me tornaste a nomeá-lo. Teus pontos fecharam a minha chaga. Entregue estou ao teu querer. Em meu cordão levaste envolta a posseção de minha liberdade. Sua dor de dentes era meu maior tormento e sua pena, a minha. Ah, meu Calisto e meu senhor! Que teu coração sente o que agora sente o meu, maravilhada estou como a minha ausência te permite viver. Ah, minha mãe e senhora! Faz de maneira a que logo eu possa vê-lo, se me queres viva!

- CELESTINA : Ver e falar.  
MELIBÉA : Falar? é impossível..  
CELESTINA : Nenhuma coisa, aos homens que querem fazê-la, é impossível,  
MELIBÉA : Diz-me como..  
CELESTINA : Eu já o tenho pensado e te direi: por entre as portas de tua casa.  
MELIBÉA : Quando ?  
CELESTINA : Esta noite.  
MELIBÉA : Gloriosa me serás se o ordenares. Diz a que horas.  
CELESTINA : Às 12.  
MELIBÉA : Pois vai, minha senhora, minha amiga, e fala com aquêlê senhor para que venha silencioso a hora que ordenares.

~~UMA~~ CENA VIII XXXXX

(portões da casa de Melibéa)

- MELIBÉA : Quem fala ? Quem está aí fora ?  
CALISTO : Aquele que vem cumprir as tuas ordens.  
MELIBÉA : Senhor, como é teu nome ? Quem te mandou vir aqui ?  
CALISTO : O doce som da tua fala me certifica seres tu minha senhora Melibéa. Eu sou teu servo Calisto.  
MELIBÉA : A sobrada ousadia de suas mensagens me forçou a falar-te, senhor Calisto. Desvia êsses vão e loucos pensamentos de ti para que minha honra e pessoa estejam a salvo de suspeita. Não queiras, por a minha fama na balança das línguas maledicentes.  
CALISTO : Mal aventurado Calisto ! Enganosa mulher Celestina, que me disse ser a minha senhora favorável a mim ! Que me disse haver ela de seu grado mandado vir êste seu cativo ao presente lugar. E aqui vim para que me fôsse mostrado o desfavor, a proibição, a desconfiança, o ódio, por êssa mesma bôca, que tem as chaves de minha perdição e glória.



Em quem acharei eu fé? Onde está verdade? Onde moram os falsários? Quem é claro inimigo? Quem é verdadeiro amigo? Onde não se fabricam traições? Quem ousou dar-me tão crua esperança de perdição?

- MELIBÉA : Cessem, meu senhor, teus verdadeiros lamentos; que nem meu coração basta para suportá-los nem meus olhos para dissimular. Tu choras de tristezas julgando-me cruel; eu choro de prazer vendo-te tão fiel. Oh, meu senhor e meu bem todo! Tudo o que ~~me~~ te disse Celestina eu confirmo, tudo eu o tenho por bom. Limpa, senhor, teus olhos e ordena de mim a tua vontade.
- CALISTO : Senhora minha: que língua será bastante para te dar graças iguais à incomparável mercê que me concedes permitindo que um fraco e indigno homem possa gozar de teu suavíssimo amor?
- MELIBÉA : Senhor Calisto, teu muito merecer, tuas extremadas graças, teu alto nascimento fizeram com que, desde que de ti eu tive notícias, em nenhum momento de meu coração te afastasses. E apesar de teu, por muitos dias, lutado para dissimulá-lo, não pude; tanto que, trazendo-me aquela mulher o teu nome a memória, revelou-se meu desejo para que eu viesse neste lugar e hora, onde te suplico, ordenes e disponhas de mim como quizeres. Os portões impedem o nosso gozo, os quais eu maldigo e seus fortes ferrôlhos e minhas fracas forças que, não fôssem eles, nem tu estarías queixoso nem eu descontente.
- CALISTO : Como, senhora minha? Consentes que um simples ferro impeça o nosso gozo? Pois, por Deus, senhora, permita que eu o quebre.
- MELIBÉA : Queres, amor, perder-me a mim e danar a minha honra? Não soltes as redes de tua vontade. Contentate em vir amanhã a esta hora junto à êsses mesmos portões. Que se agora quebrasses estas barras, amanhãceria em casa de meu pai a terrível suspeita de meu êrro.
- CALISTO : Sou infelizmente. Forçoso é, senhora, partir-me de ti. Pois que assim seja. fiquem os anjos com a tua presença. Minha vinda será, como ordenares, amanhã.

CENA IX

(jardim de Melibéa)

- ATOR ANUNCIADOR : Chegou finalmente o momento tão esperado pelos atôres dêste espetáculo, por tôda a equipe técnica e de produção, pelos nossos patrocinadores e por todo o público desta noite: o corpo de Calisto vai se encontrar com o corpo de Melibéa.

- Calisto: Minha senhora e minha glória: em meus braços te tenho e não o creio. Mora em minha pessoa tanta turbação de prazer, que nem chego a sentir todo o gozo que possuo.
- MELIBEA: Senhor meu, pois me confio em tuas mãos. Não queiras perder-me por tão breve deleite. Goza do que eu gozo, que é ver-te e chegar à tua pessoa. Não peças nem tomes aquilo que tomado, não possas me devolver. Guarda-te de danar, senhor, o que com todos os tesouros do mundo não se restaura.
- CALISTO: Senhora, por conseguir esta mercê, gastei toda a minha vida. O que seria de mim se, quando a tivesse, a desprezasse?
- MELIBEA: Por minha vida, que ainda que fale a tua língua quanto quiser, não obrem tuas mãos o quanto podem. Está calmo senhor meu, Baste a ti, pois já sou tua, gozar do exterior. Não me queiras roubar o maior dom que a natureza me deu. Sabe que do bom pastor é próprio tosquiá-las suas ovelhas e gado, mas não destruí-lo e estragá-lo.
- CALISTO: Para que, senhora? Para que não se acalme a minha paixão? Para penar de novo? Para recomeçar o jogo do comêço? Perdoa senhora, as minhas desavergonhadas mãos que jamais pensaram em tocar a tua roupa com sua indignidade, e agora gozam de chegar a teu gentil corpo.

CENA X

- ATRIZ 1: Espera aí, gente! Que história é esta? Não são vocês que fazem Calisto e Melibea.
- ATOR 1: E em segundo lugar, a maneira que vocês representaram a cena está completamente errada?
- ATOR 2: Como é que é então, palhaço?
- ATRIZ 1: Pode deixar que nós vamos mostrar prá vocês. Vem.  
(repetem a cena IX)
- ATOR 3: Mas como é que é? Terminaram de avacalhar de vez com a nossa cena?!
- ATRIZ 3: É! Com que cara ficamos nós diante do público? Nós que somos os verdadeiros Calisto e Melibea?!
- ATOR 2: Com a mesma cara de canastrões que vocês têm! Quero ver vocês fazerem melhor!
- ATRIZ 2: Dúvido! Eu sempre disse que este papel tinha de ser nosso!
- ATOR 3: Escuta aqui, meu chapá! Vê se te manca, senão vai ter prá ti!
- ATOR 2: Ah, vai querer meter, é? Pode vir que não vai ser mole!



- ATRIZ 1 ATOR 1 : Deixa disso, deixa disso! Não vão brigar agora, bem no meio do espetáculo.
- ATRIZ 2 : Que vexame, meu Deus, que vexame! Diante de todo o pessoal aí !
- ATOR 3 : Deixa disso uma ova ! Esse cara aí está me marcando há horas! Mas enquanto eu estiver trabalhando aqui nessa droga eu exijo respeito comigo. Afinal o papel de quem é ?!
- ATOR 2 : É de quem fôr bom, palhaço !  
( nova confusão e "deixa disso". Terminada a briga, ATOR 3 e ATRIZ 3 se dirigem para fazer a cena)
- ATOR 3 : (voltando-se de repente) Você vai ver depois do espetáculo!  
(É contido pelos outros)
- ATOR 1 : Pedimos desculpas ao distingó público pelo incidente ocorrido, que ameaçou empanar o brilho do nosso espetáculo. É óbvio que tudo foi preparado e enaiado antecipadamente pelos nossos atôres que não são assim tão vedetes e se entendem - graças a Deus - muito bem. Eles só queriam ter a oportunidade de mostrar como vÊM diferentemente a ditacuja cena. Vamos logo dar início a ela.

#### CENA XI

- ATÔRES : A partir dêsse momento, o autor desta peça desenrola tôda uma série de catástrofes que são as funestas consequências dos amores de Calisto e Melibéa. A moral da estória seria essa: Amor misturado com senverginhice não dá pé. E Segundo o texto acontecia o seguinte: Celestina, estava mancomunada com os criados de Calisto, recusa-se a dividir com êles o pagamento pelo seus serviços. Os criados, por vingança, assassinam a Celestina, após o que são preses e degolados pela justiça em praça pública. Enquanto isso, Calisto e Melibéa encontram-se tôdas as noites no jardim. Numa dessas, quando Calisto vai pular o muro para ir embora, escorrega e despenca lá de cima, esborrachando-se todo. Desesperada, Melibéa sobe a mais alta tôrre do castelo, chama seus pais, narra-lhes seus infortúnios, pedindo perdão para o seu crime, e precipita-se ao solo.
- Como vêm, o final da peça é uma mortandade única. Entretanto, o diretor e os atôres dessa montagem não concordaram com a solução dada pelo autor. Achamos o final trágico demais para a época atual, que é tão colorida, vibrante e animada. Resolvemos então mudar o final. Mas imedia-



tamente se estabeleceu uma discussão sem fim sobre qual seria a solução mais adequada a mentalidade do nosso tempo. Como não se chegou a nenhum acôrdo, decidimos apresentar ao público as três melhores soluções propostas, para que êle escolha a sua preferida.

Primeira solução : Calisto e Melibéa casan-se d e véu e grinalda, alugam um apartamento na Independência, compram uma televisão e recebem a visita da cegonha. E como madrinha do pimpôlho escolhem a Celestina.

Segunda solução : Celestina abre um bordel e convida Melibéa para trabalhar com ela. Calisto vem a ser o cliente mais assíduo.

Terceira solução : Melibéa foge de casa com Calisto e os dois tornan-se hippies. Celestina, por sua vez, vai trabalhar na televisão, onde dirige um programa de calouros, considerado pelo IBOPE como o de maior assistência em todo o país.

CELESTINA : E agora, com vocês a dupla Hippie Calisto e Melibéa !  
CALISTO E MELIBÉA : (cantam) País Tropical de Jorge Ben.

